

## 6 Conclusão

A leitura das cartas apresentadas nesta tese serviu como ponto de partida para traçar um percurso histórico-cultural-literário de três grandes e reconhecidos nomes da literatura brasileira, Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade. No entanto, as cartas não se bastam como apoio, elas, na verdade, abrem coordenadas amplas que convidam os leitores a reflexões sobre o ato da escrita e o papel do escritor na sociedade moderna. Portanto, a história está inscrita nas cartas desses artistas, a história de suas produções e do meio em que elas aconteceram, uma história que resulta do ato criativo e que é produtora de significados. Ler a correspondência de alguém é buscar essa história e tentar traçá-la, aplicando-a à produção literária, no caso desta tese. Para enriquecer esse estudo das cartas pessoais procurou-se, portanto, apresentar questões ligadas à memória e à recepção.

É importante, também, que tenha ficado claro, neste estudo, que as cartas são, hoje, fecundo material a ser explorado por leitores que desejem partir de uma abordagem genética para estudar a construção literária. Ainda, faz necessário perceber que a obra literária foi o ponto de convergência das cartas, ou seja, partiu-se das cartas, utilizando-as como farol para que a obra pudesse ser iluminada.

Assim, procurou-se perceber como questões e conflitos pessoais foram resolvidos no lirismo, além de mostrar que muitas produções teóricas, produzidas por esses escritores em questão, partiram das cartas ou nelas foram discutidas.

Em Mário, intencionou-se descrever sua monumentalidade, sua voz plural, seu projeto de Brasil, que foi sendo construindo com todas as contradições que isso implicou. Mário, o escritor da devoção, do relicário que pretendeu mostrar um Brasil único, embora polifônico. Mário está inscrito nas cartas que trocou com Bandeira e Drummond, e inscrita está sua obra. Dessa forma, presente, nas cartas, está o compromisso ético-estético daquele que se transformou em um estudioso da cultura brasileira e que assumiu o compromisso de forjá-la e não somente descrevê-la. Assim, procurou-se apontar a preocupação marioandradeana em

definir, orientar e criticar a poética nacional, na tentativa de projetar o futuro da literatura nacional, ou seja, a crítica e o pensamento teórico, para Mário de Andrade, passam a funcionar como orientadores do fazer literário, não somente da sua própria criação, mas também de seus contemporâneos:

Estes meus parques do Anhangabaú ou de Paris,  
 onde as tuas águas, onde as mágoas dos teus sapos?  
 “Meu pai foi rei!  
 – Foi. – Não foi. – Foi. – Não foi.”  
 Onde as tuas bananeiras?  
 Onde o teu rio frio encanecido pelos nevoeiros,  
 contando histórias aos sacis?... (“Anhangabaú”)

Em Manuel Bandeira, buscou-se mostrar os caminhos percorridos por esse poeta que nunca se furtou em aprender e discutir os passos de sua poética. Manuel Bandeira pertence àquela espécie de escritor que imprimiu novos rumos à literatura e que contribuiu, significativamente, para consolidar mudanças e rupturas. Ao partir, muitas vezes, de fatos absolutamente banais do cotidiano para apurá-lo em uma linguagem particular e, ao mesmo tempo, universal, Bandeira diverge e adere aos padrões predominantes do modernismo brasileiro, com intencionalidade. Nessa leitura de suas cartas trocadas com Mário de Andrade, traçou-se esse percurso bandeiriano, apoiando-se em seus conceitos, opiniões, discussões e realizações para, confrontados com sua obra poética, apresentar um panorama artístico-cultural de sua trajetória, nos anos posteriores à Semana de 22. Todos os elementos de discussão e exposição, encontrados nas cartas, cruzam-se com sua poética de forma a oferecer um cenário complexo para a tarefa de análise desse poeta que interage com seu meio de modo a desentranhar dele o objetivo de sua poética.

Quero antes o lirismo dos loucos  
 O lirismo dos bêbados  
 O lirismo difícil e pungente dos bêbados  
 O lirismo dos clowns de Shakespeare  
 – Não quero mais saber do lirismo que não é libertação. (“Poética”)

Em Carlos Drummond de Andrade procurou-se apresentar o início de seu percurso poético e de sua expressão lírica, percebendo as vertentes mais significativas de sua obra, tais como a seleção de elementos, o burilamento da linguagem na busca de maior expressividade e o sentimento pensado que, no conjunto, mostrarão toda a força criativa desse poeta na construção da poesia

reflexiva que norteia sua obra. Assim, nas cartas, foram reveladas as opiniões, interferências e influências marioandradeanas na construção do poeta Drummond que inaugura subjetividades, desenvolve um lirismo particular, pessoal, em que a reflexão, aliada ao humor se torna o eixo norteador. Mostrou-se, também, que, embora as críticas de Mário tenham sido de grande importância na construção do ser e do poeta ou do ser-poeta, Drummond já se posicionava como um poeta pronto, uma vez que, ao mesmo tempo em que aceita algumas interferências de Mário em suas poesias, repudia outras. Após a publicação de *Alguma poesia* em 1930, o Drummond que se apresentava, naquele momento, era mais seguro, e as opiniões de Mário sobre seus poemas, embora desejadas, são discutidas com mais propriedade.

Não serei o cantor de uma mulher, de uma história,  
 não direi os suspiros ao anoitecer, a paisagem vista da janela,  
 não distribuirei entorpecentes ou cartas de suicida,  
 não fugirei para as ilhas nem serei raptado por serafins.  
 O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes,  
 a vida presente. (“Mãos dadas”)

As correspondências pessoais estabelecem, portanto, uma dinâmica intersubjetiva em que ao mesmo tempo em se fala de si, fala-se do outro, num jogo metalinguístico que revela o diálogo pensante e interferente através do qual foi possível visualizar a construção de sentidos na realização poética, aproximando sujeitos singulares. Dessa forma, Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrades, ao se permitirem discutir, nas cartas, seus projetos, suas aspirações e seus processos criativos deslocaram essas questões de uma área teórica para um espaço pessoal e confessional, em que a informalidade (ou quase) dá o tom. Por mais que as cartas tenham sido escritas com intencionalidade – o que no caso de Mário parece ser verdade – elas permanecem, ainda, como o lugar do subjetivismo e, portanto, permitem incursões confessionais e íntimas. Ainda assim e apesar disso, os artistas como críticos de seus próprios trabalhos e de trabalhos alheios não conseguem deixar de teorizar – e nem o querem – pelo contrário, eles acabam por se utilizar do espaço das cartas como que para testarem seus conceitos e opiniões, esperando que seus interlocutores sejam os primeiros críticos de suas produções. Ressaltou-se, ainda, a questão das cartas como espaço da memória individual e cultural, da construção

identitária e referencial de um grupo sociocultural, por isso, se transforma em um rito que ordena, contextualiza e data um período histórico-cultural.

Dessa forma, apontou-se, nesta tese, que a teoria se revela na construção do pensamento que, expressa na correspondência de Mário de Andrade, de Manuel Bandeira e de Carlos Drummond de Andrade torna-os críticos privilegiados porque pensaram e repensaram suas poéticas e permitiram que outros pensassem com eles, por meio dos exercícios de retórica que propuseram em suas cartas. Foi dada ao leitor, violador permitido dessa correspondência, ler esses artistas pela mão deles mesmos, guiados pela correspondência.

É, ainda, fundamental deixar claro, que essa conclusão, na verdade, não conclui, apenas apresenta possibilidades de leitura. Assim, plagiando Silviano Santiago, esse estudo é resultado de uma leitura particular e, por isso, constitui, também, um convite para que um novo leitor faça a dele.